

GRUPO CORPO



coreografia: RODRIGO PEDERNEIRAS

música: CARLOS NÚÑEZ e JOSÉ MIGUEL WISNIK
(sobre canções de Martín Codax)

cenografia e iluminação: PAULO PEDERNEIRAS

figurino: FREUSA ZECHMEISTER

[47 minutos]

*Ondas do mar de Vigo,
se vistes meu amigo?
E ai Deus! se verrá cedo?*

(...)

*Se vistes meu amado,
por que hei gran coidado?
E ai Deus! Se verrá cedo?*

(trechos da Cantiga I, de Martín Codax)

O mar (de Vigo), que leva e traz de volta o amado, o amigo, é o que dá vida e movimento ao novo balé do **GRUPO CORPO**, *Sem Mim*, que fez sua temporada de estreia de 4 a 14 de agosto no Teatro Alfa, em São Paul).

Com coreografia de **Rodrigo Pederneiras**, cenografia e iluminação de **Paulo Pederneiras** e figurinos de **Freusa Zechmeister**, a mais recente criação da companhia mineira de dança é embalada pela trilha original urdida a quatro mãos pelo músico e compositor viguês **Carlos Núñez** e pelo paulista (“do mar”) de São Vicente **José Miguel Wisnik** a partir do único conjunto de peças do cancionero profano medieval galego-português que chegou aos nossos dias com as respectivas partituras de época: o célebre ciclo do mar de Vigo, de Martín Codax. As sete canções, datadas do século XIII, constituem o testemunho mais antigo e figuram entre as mais apreciadas sobreviventes

de uma das vertentes da tradição trovadoresca da região na época: as chamadas “cantigas de amigo”. Nelas, o poeta se pronuncia sempre em nome da mulher; mais especificamente de jovens apaixonadas que pranteiam a ausência ou festejam a iminência do regresso do amado-amigo. Na avidez do reencontro, elas confidenciam ora com o mar, ora com a mãe, ora com amigas. E, para aplacar ou fustigar o desejo, saem a banhar-se nas ondas do mar. (No caso das raparigas de Codax, nas ondas do mar de Vigo.)

*Quantas sabedes amar amigo
treides comigo a lo mar de Vigo
E bañar-nos-emos nas ondas.*

*Quantas sabedes amar amado
treides comigo a lo mar levado
E bañar-nos-emos nas ondas.*

(trecho da Cantiga V, de Martín Codax)

A lírica do trovador medieval viguês inspira Rodrigo Pederneiras a pautar sua partitura de movimentos na alternância entre calma e fúria e no vaivém próprios das ondas do mar, e, também, a (re)produzir, no jogo de cena, o apartamento entre feminino e masculino, onde um(a) reclama sempre a falta do outro.

Galego, medieval, brasileiro, contemporâneo

*Ai Deus, se sabe ora meu amigo
como eu señoira estou en Vigo?
E vou namorada!*

*Ai Deus, se sabe ora meu amado
como eu en Vigo señoira maño?
E vou namorada!*

(trecho da Cantiga IV, de Martín Codax)

Indissociável das origens e da própria constituição da língua portuguesa, o cancioneiro trovadoresco galaico-português e, com ele, os cultuados versos das “cantigas de amigo” de Martín Codax eram conhecidos de longa data do professor de Literatura Brasileira da USP (Universidade de São Paulo) José Miguel Wisnik. Do ponto de vista musical, no entanto, somente em 2008 o autor de *O Som e o Sentido* viria entrar em contato com a íntegra das canções que compõem o ciclo codaxiano, pelas mãos de Carlos Núñez.

Natural da cidade portuária de Vigo, hoje a mais populosa da Galícia, definido pelo crítico Scott Lewellyn, da Billboard, como o “Jimmy Hendrix da gaita de fole”, e um dos ícones maiores da música celta no planeta, Núñez tocava então a longa pesquisa em torno dos rastros da música medieval galega na tradição popular brasileira, que resultaria no álbum *Alborada do Brasil*, lançado ano passado. E confidenciou ao colega brasileiro um sonho que desde muito acalentava: o de que o ciclo integral das trovas compostas por seu conterrâneo há cerca de 800 anos fosse entregue à canção brasileira – a única, segundo ele, capaz de reencontrar-lhes a verdadeira vida.

Repletas de melismas (trechos melódicos caracterizados pela presença de mais de uma nota para uma mesma sílaba), as “cantigas de amigo” de Martín Codax – cujo pergaminho contendo seis das sete partituras originais foi descoberto em 1913 pelo livreiro madrileno Pedro Vindel, publicado no ano seguinte em edição fac-símile limitada a exíguos dez exemplares, e novamente perdido por décadas – haviam motivado, desde o seu redescobrimento no final dos anos 1970, dezenas de gravações na Europa. A imensa maioria delas parciais. Mas todas, invariavelmente, marcadas por uma certa impostação erudita.

Na visão do músico e pesquisador viguês, por sua vitalidade, sua tradição com a palavra cantada e sua estreita ligação linguística com o galego-português, a música popular brasileira reunia, como nenhuma outra, as condições fundamentais para processar uma releitura capaz de (re)aproximar o

repertório medieval de Codax do ouvinte contemporâneo. E convocou o pianista, arranjador e compositor brasileiro para ser seu companheiro nesta jornada.

Autor de três trilhas que geraram balés memoráveis do GRUPO CORPO – *Nazareth*, de 1993, e *Parabelo*, de 1997, e *Onqotô*, de 2005 (estas últimas em parceria com Tom Zé e Caetano Veloso, respectivamente) –, José Miguel Wisnik não tardou a vislumbrar o potencial coreográfico contido naquele conjunto de canções do século XIII.

A ideia foi recebida com entusiasmo pelos irmãos Pederneiras e logo Wisnik e Núñez punham mãos à obra. Acontece que, por mais que se alongassem os arranjos, as sete “cantigas de amigo” reunidas não consumiriam mais do que quinze minutos de gravação. E, para sustentar e dar corpo a um balé, era preciso expandi-las, abrindo espaço para interlúdios, de preferência instrumentais, que ajudassem conferir à trilha uma dinâmica coreográfica.

Assim, as interpretações das canções de Codax por Milton Nascimento (Cantiga II), Chico Buarque (Cantiga V), Mônica Salmaso (Cantiga IV), Jussara Silveira, Ná Ozzetti e Rita Ribeiro (em voz coletiva, na Cantiga III), Rita Ribeiro (desta vez, solando a Cantiga VII) e pelo próprio Wisnik (Cantiga I e Cantiga VI), foram entremeadas por versões de temas tradicionais dos repertórios instrumentais populares galego, português e brasileiro, recolhidos entre os séculos XVII e XX – a maior parte dos quais reunidos por Núñez em suas pesquisas. De vilancicos, formas instrumentais que se popularizaram na Península Ibérica a partir da Idade Média e chegaram ao Brasil, onde persistem até hoje, especialmente em Minas Gerais, à fusão da muiñera, ritmo galego por excelência, com o samba e o cavalo-marinho, surgida do encontro de Marcos Suzano com as pandereteiras da Asociación Xuvenil Xiradela.

Arquétipo das protagonistas do ciclo do mar de Vigo, as jovens pandereteiras de la Coruña mantêm viva uma tradição secular galega de cantar coletivamente, e em registro muito alto, acompanhadas de pequenos pandeiros, e participam da trilha de *Sem Mim* dando uma segunda versão à Cantiga V, interpretada antes por Chico, e cantando dois temas populares galegos, numa participação que – à semelhança da interferência que fazem as Caixeiras do Divino, da família Menezes, do Maranhão, na cantiga final – corporifica uma das dimensões do trabalho operado por Núñez e Wisnik: a de produzir um corte no tempo, unindo o antigo ao contemporâneo.

Gravada entre agosto e dezembro de 2010 em São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Vigo, a trilha de *Sem Mim* tem produção de Alê Siqueira e direção artística de José Miguel Wisnik, que, em mais uma explicitação do diálogo entre passado e presente, Galícia e Brasil, intrínseco à matriz do projeto, torna-se parceiro de Martín Codax ao assinar a melodia da Cantiga VI – a única cuja partitura não constava do pergaminho de Vindel – e fazer uma versão livre da letra criada oito séculos atrás pelo mais ilustre dos trovadores de Vigo.

E no sagrado em Vigo
Bailava corpo bonito:
Amarei!

Em Vigo no sagrado
Bailava corpo delgado:
Amor hei!

Bailava corpo bonito
Que nunca tivera amigo:
Amarei!

Bailava corpo delgado
Que nunca tivera amado:
Amor hei!

Que nunca tivera amigo
Senão no segredo em Vigo:
Amarei!

Que nunca tivera amado
Senão em Vigo no sagrado:
Amor hei!

(Cantiga VI, de José Miguel Wisnik e Martín Codax)

O Corpo mergulha no mar de Vigo

O mar, impetuoso e lascivo, este mar codaxiano, misto de desejo e deriva, senhor e vetor da (re)aproximação e da distância, elemento de origem e instrumento de cura das turbulências mais íntimas dos males de amor. O mar, este mar codaxiano, é o grande manancial de inspiração da trinca de criadores que há exatos 30 anos confere luz, forma e movimento às criações do GRUPO CORPO:

Rodrigo Pederneiras, que em 1981 deixava o corpo de baile para assumir o posto de coreógrafo residente da companhia; Paulo Pederneiras, diretor artístico desde a sua fundação em 1975, que, neste mesmo ano, passava a acumular a função de iluminador, e, de 1997 pra cá, empresta, também, aos espetáculos sua assinatura como cenógrafo; e Freusa Zechmeister, arquiteta, transmutada desde então em figurinista oficial e membro inseparável do Grupo CORPO.

O balanço das ondas, seu ir-e-vir incessante, a rebentação nas escarpas rochosas deságuam na recorrência de movimentos, sinuosos ou abruptos, de tronco, e dobraduras incisivas de joelho pelos bailarinos, e em um deslocamento espacial marcado pelo fluxo constante de avanços e recuos, naquela que Rodrigo Pederneiras considera a mais despojada de suas coreografias.

A partir da combinação de uma forma geométrica (um enorme quadrado de alumínio vazado) com uma forma orgânica (metros e metros de uma trama sintética fabricada para o sombreamento de culturas agrícolas), ambas manipuláveis verticalmente, Paulo Pederneiras constrói um cenário metamórfico que, no decorrer do espetáculo, vai se transfigurando e formando representações de paisagens e elementos distintos: mar, montanhas, nuvens, barco, rede de pesca, alvorada. A luz que ele faz incidir sobre os bailarinos vai do branco ao amarelo claro, enquanto um ciclorama ao fundo permite que a cor invada o espaço cênico em momentos pontuais.

Sobre malhas finas inteiriças tingidas de acordo com a cor da pele de cada bailarino, Freusa Zechmeister aplica inscrições e texturas baseadas em ornamentos da Idade Média e do período pré-rafaelita, transformando o corpo dos bailarinos em suporte para toda uma simbologia da época, e criando a ilusão de que a cena é povoada por homens e mulheres “em pelo”, cuja “nudez” é coberta apenas por um dos signos mais arcaicos do imaginário marítimo: a tatuagem.

*Ay ondas que eu vin ver!
se me saberedes dizer
por que tarda meu amigo
sen min?*

*Ay ondas que eu vin mirar!
se me saberedes contar
por que tarda meu amigo
sen min?*

(Cantiga VII, Martín Codax)

Texto: Angela de Almeida
Julho/2011